

# O HOMEM AMAZÔNICO E MARCAS DE RELIGIÃO EM *JUDAS-ASVERO*, À MARGEM DA HISTÓRIA, DE EUCLIDES DA CUNHA

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos (UFPB)<sup>1</sup>  
(email: direito.lettras@gmail.com)

**Resumo:** No ano de 1904, Euclides da Cunha passa a comandar a expedição brasileira que viria a demarcar as áreas limítrofes entre o Brasil, a Bolívia e o Peru. A região correspondia a uma área de tensão entre os seringueiros brasileiros e os caucheiros peruanos, assim, o Barão do Rio Branco, mediante acordo diplomático com o Peru, instituiu a presente comissão brasileira que viria a trabalhar em parceria com outra enviada pelo governo peruano. Os conflitos existentes eram em decorrência das ações de extração do látex. Apesar do deslocamento ao norte do país ter sido para cumprir atribuição a ele declinada pelo governo central, Euclides da Cunha aceitou o convite porque detinha interesses outros na Amazônia que era o de coletar o máximo de informações possíveis para, assim como feito em *Os Sertões* (1902), construir posteriormente uma obra que demonstrasse a realidade do sertão amazônico. O estudo em mente corresponderia ao título *Paraíso Perdido*, que, devido a sua morte precoce, fora abortado. Visto a impossibilidade da edição do título outrora pretendido, postumamente foi publicado o *À Margem da História* (1909) que congrega, na primeira parte denominada *Terra sem história (Amazônia)*, sete crônicas que discutem a natureza, o povo e elementos de cultura do norte brasileiro. Nos relatos euclidianos estão apresentados esses movimentos migratórios realizados pelos nordestinos rumo ao norte. Esse processo se intensificou devido a política da extração de borracha natural (da *hevea brasiliensis*) que se iniciava naquela região do país durante o século XIX. Muitos foram os nordestinos, principalmente, os cearenses que migraram para aquela localidade com o intuito de fugir das secas cruéis do sertão nordestino, e assim buscar dias melhores para si e para os seus. Promovendo essa migração, o cearense carregou consigo a sua história, os seus costumes, além da sua religião. Chegando ao norte, tornam-se seringueiros. Destarte, após essa breve contextualização, o escopo do presente estudo que ora se inicia limita-se a discutir as marcas de religiosidade do sertanejo amazônico durante os festejos religiosos do Sábado de Aleluia. Os relatos estão dispostos na crônica euclidiana *Judas-Asvero*, presente na obra do mesmo autor *À Margem da História* (1909).

**Palavras-chave:** Amazônia. Seringueiro. Sociedade. Religião.

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras Portuguesas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÉ). Pós-Graduando do Curso de Especialização em Direitos Humanos da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Pós-Graduando do Curso de Especialização em Direito Civil Constitucional da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em parceria com a Escola Superior da Magistratura da Paraíba (ESMA/PB). Mestrando em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Bolsista CAPES. Tutor a Distância do Curso de Letras Virtual (CLV/UFPB/UAB). Email: direito.lettras@gmail.com.

*“Euclides da Cunha avança sobre o seu ideário positivista. Ele nos surpreende e mostra a sua genialidade ante o seu tempo histórico.”*

ANTÔNIO FILHO, Fadel David (2010)

*“Nossas pistas, aqui, remeterão, para textos afora Os Sertões, anteriores e posteriores à obra-prima euclidiana, em função de terem sido, até hoje, um tanto ofuscados pelo livro-emblema de 1902 e, relativamente à trajetória de sua enorme fortuna crítica, algo menosprezados.”*

HARDMAN, Francisco Foot (1996)

## INTRODUÇÃO

Como proposta de discussão, achamos como relevante apresentarmos uma proposta de análise que associe a narrativa euclidiana *Judas-Asvero*, a partir de uma perspectiva religiosa, da fé do homem local amazônico, do seringueiro brasileiro, especificamente. Antes de prosseguir com as apresentações iniciais, gostaríamos de ressaltar que o *corpus* apresentado aqui para a tessitura de nossas considerações corresponde a uma amostra de um *corpus* maior: *Uma visão euclidiana da Amazônia: À Margem da História*.

Assim, o mesmo está contemplando a primeira parte da obra euclidiana *À Margem da História* (1909), seção na qual Euclides da Cunha apresenta ao leitor sete crônicas que têm por temáticas vários elementos da vida amazônica. Destacamos ainda que o referido título em estudo, *À Margem da História* (1909), foi publicado postumamente, e que congrega narrativas divididas em quatro espaços. Todas essas quatro divisões serão brevemente abordadas no estudo que se inicia.

Assim sendo, como já salientado, o escopo primeiro da discussão aqui trazida por nós visa tecer considerações de como a religião marca e interfere na vida do seringueiro brasileiro, a narrativa *Judas Asvero* apresenta também relatos que versam a respeito de elementos do cotidiano do seringal, precisamente acerca do “penar” do trabalhador brasileiro frente às adversidades encontradas na região, além da comparação de sua vida como sendo um frequente Sábado de Aleluia.

No que tange a metodologia e, precisamente a classificação da pesquisa, utilizaremos a descrição metodológica que segundo Demo (1995) “dedica-se a discutir novos procedimentos investigativos, inovações e transformações de metodologias tradicionais, proposição de novas técnicas, etc.”, e ainda baseado nos ditames de Gil (2002) “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.”, com respaldo na conceituação dos renomados autores, analisamos o nosso escopo primeiro, qual seja as marcas de religião ou religiosidade do homem amazônico na crônica euclidiana *Judas-Asvero*, impressa na obra *À Margem da História* (1909).

## 1 À MARGEM DA HISTÓRIA

A obra em estudo surgiu após os relatos feitos por Euclides da Cunha, fruto de uma expedição realizada no norte do país, em 1904, a convite do Barão do Rio Branco, onde o mencionado estudioso teria por incumbência auxiliar na demarcação das fronteiras entre o Brasil e o Peru. Entretanto, como destaca Ribeiro (2006) o objetivo euclidiano para a missão que recebera “não era o de apenas conhecer os cantos remotos do país [e de participar da expedição coordenada pelo Barão do Rio Branco], mas também o de coletar dados para um novo livro, que teria por título *Um paraíso perdido*, na intenção de produzir para a Amazônia obra do mesmo peso e significado que *Os Sertões* para o sertão nordestino” (p. 151).

Como outrora anunciado, *À Margem da História* (1909) corresponde a uma obra elaborada pelo pensador humanista brasileiro Euclides da Cunha que, devido a uma morte trágica e prematura, não teve condições de vê-la concluída. A aludida compilação está dividida em quatro momentos. No primeiro momento, intitulado *Terra sem história (Amazônia)*, congrega os escritos amazônicos e apresenta sete crônicas – entre elas *Os caucheros*, objeto da presente discussão – assim, Euclides da Cunha perpassa por todos os elementos da região, contemplando desde o primeiro momento de sua chegada no norte do país, até o clima, os rios locais, os trabalhadores da borracha natural, a presença da religião, os conflitos existentes entre brasileiros e peruanos, além da necessidade de progresso via a Transacriana. No segundo momento, nominado de *Vários estudos*, abrange temáticas ligadas a conteúdos americanos, com questões que contemplam a viação sul-americana, Martín Garcia e o primado do Pacífico. No terceiro momento, alcunhado *Da independência à república*, como anunciado, apresenta discussões acerca da transição de regimes, bem como dos anseios defendidos por cada um dos mesmos; esse momento da obra podemos compreendê-lo como ensaio histórico. Por fim, no quarto momento, chamado *Estrelas indecifráveis*, traz reflexões que, segundo Hardman (2009b), corresponde a “um texto enigmático sob vários prismas” (p. 89).

Os relatos contidos no primeiro momento da referida obra – *À Margem da História* (1909) – iriam compor aquela obra já anunciada – *Um paraíso perdido* – que congregaria todos os escritos oriundos da temática amazônica. Com essa projeção de nomenclatura, já podemos ter algumas inferências acerca da concepção euclidiana sobre o meio ambiente amazônico, como por exemplo: que a Amazônia indica um paraíso, visto ser um ambiente natural, pouco habitado e que congrega tudo o que é possível para suprir as reais necessidades de um homem médio; já o perdido destaca a ausência tanto de povoamento quanto de políticas públicas estatais para a região amazônica.

O povoamento da Amazônia tem um salto considerável a partir da necessidade da indústria automobilística estrangeira em obter matéria-prima para a elaboração de pneus e derivados. A seringueira, árvore brasileira de enorme quantidade no norte do país, é a responsável pela produção dessa matéria-prima, o látex. É nesse momento histórico e perante uma promessa de dias melhores que se efetiva uma enorme migração de cearenses rumo ao norte do país. Acerca desse acontecimento, destaca Amory (2009):

O último quarto do século XIX na América do Sul esteve voltado cada vez mais para os acontecimentos humanos do Alto Amazonas, onde se interligavam as antigas fronteiras do Brasil, do Peru e da Bolívia. No

período de 1877-1879, uma violenta seca no Ceará expulsou do estado cerca de quatorze mil habitantes, que migraram para o futuro território do Acre, na Amazônia, em cujas selvas se estabeleceram às margens dos rios e aprenderam a coletar o látex da seringueira, ou *Hevea brasiliensis*. A essa onda de emigrantes sucedeu, em 1878, uma outra quatro vezes maior, que também carregou do Ceará cerca de 54 000 pessoas, e, em 1900, uma terceira onda de 47 835 almas chegou igualmente ao Acre, vindo dessa região das secas, que na época acabou “ficando despovoada em proveito da Amazônia”. (AMORY, 2009, p. 227)

Frente a essa real necessidade estrangeira pelo produto, houve uma elevada procura que veio a gerar O Ciclo da Borracha no século XIX. Estudiosos da temática destacam como período áureo da produção de borracha natural os anos de 1879-1912. Após esse período, a atividade não foi extinta, mas teve drásticas perdas. Uma das motivações, destaca Joe Jackson, em *O Ladrão no Fim do Mundo* (2011), foi a usurpação de sementes da árvore nativa brasileira por ingleses que, as levando para as suas colônias na África, fomentaram o cultivo das mesmas, gerando a quebra do monopólio brasileiro e, por consequência, a queda na produção e venda da borracha natural brasileira.

## 2 JUDAS-ASVERO

Passando agora para as questões religiosas vislumbradas durante a estadia de Euclides da Cunha no seio da Amazônia, temos o *Judas-Asvero*<sup>2</sup>. Na seguinte crônica podemos observar o diálogo entre o judeu errante – o Judas-Ahsverus –, as festividades do sacrifício do Judas, o Iscariotes, e o Judas da região, o homem que lá vive, o seringueiro. A celebração litúrgica praticada pelos seringueiros amazônicos é promovida como meio de garantir um alívio do sofrimento vivido diário tais homens durante todo o processo de labuta nos seringais, e que perduram todo o período da atividade. O cotidiano dos seringais é relacionado ao sofrimento de Cristo, precisamente na Sexta-feira da Paixão<sup>3</sup>. Marcas de pessimismo e de aceitação das adversidades passadas são referenciadas<sup>4</sup>. É apresentado o

---

<sup>2</sup> Ver FERREIRA, Jerusa Pires. **O Judeu Errante: a materialidade da lenda**. Revista Olhar, n. 03, 2000, p. 1-7. Versão disponível eletronicamente no link: <<http://www.olhar.ufscar.br/index.php/olhar/article/viewFile/21/20>>. Acesso em 08 de agosto de 2014, às 09:48.)

<sup>3</sup> Toda a Semana Santa correu-lhes na mesmice torturante daquela existência imóvel, feita de idênticos dias de penúrias, de meios-jejuns permanentes, de tristezas e de pesares, que lhes parecem uma interminável Sexta-Feira da Paixão, a estirar-se, angustiosamente, indefinida, pelo ano todo afora. (CUNHA, Euclides. **À Margem da História**. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 52).

<sup>4</sup> Então pelas almas simples entra-lhes, obscurecendo as miragens mais deslumbrantes da fé, a sombra espessa de um conceito singularmente pessimista da vida: certo, o Redentor universal não os redimiu; esqueceu-os para sempre, ou não os viu talvez, tão relegados se acham à borda do rio solitário, que no próprio volver das suas águas é o primeiro a fugir, eternamente, àqueles tristes e desfreqüentados rincões. (CUNHA, Euclides. **À Margem da História**. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 53).

conceito de seringueiro numa perspectiva religiosa, como sendo “(...) um excomungado pela própria distância que o afasta dos homens (...)”<sup>5</sup> (CUNHA, 1999, p. 53). O viver no seringal é retratado como momentos de tristeza e de quietude<sup>6</sup>, entretanto, esses sentimentos e realidades são alteradas a partir das celebrações do Judas<sup>7</sup>. É narrada a confecção do boneco, que retrata o próprio sertanejo, o próprio seringueiro, e seus dramas. O boneco é feito com traços que o horroriza<sup>8</sup> e, diferentemente da tradição comum – vamos assim dizer –, o boneco é lançado ao rio<sup>9</sup> num bote. Ao ver o boneco se as comunidades vizinhas o saúdam por meio de um tiroteio<sup>10</sup>, ‘matando-o’. Após a queda do boneco, devido a “malhação”<sup>11</sup>, saem cada um, em sequência rio abaixo para cumprir o seu destino diário<sup>12</sup>.

### 3 AS MARCAS DE RELIGIÃO NA CRÔNICA EUCLIDIANA

De início destacamos que as marcas religiosas que buscamos ressaltar na presente crônica diz respeito ao catolicismo católico. Veremos, mais adiante, argumentos que corroboram com a nossa perspectiva analítica.

Assim, como aporte crítico-literário para o desenvolvimento do presente estudo, acerca da crônica euclidiana *Judas-Asvero*, da obra *À Margem da História* (1909),

---

<sup>5</sup> CUNHA, Euclides. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 53.

<sup>6</sup> (...) quebra tão de golpe a monotonia tristonha de uma existência invariável e quieta. (CUNHA, Euclides. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 54).

<sup>7</sup> É o manequim vulgar, que surge em toda a parte e satisfaz à maioria das gentes. (CUNHA, Euclides. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 54).

<sup>8</sup> (...) figura demoníaca (...). (CUNHA, Euclides. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 56).

<sup>9</sup> E Judas feito Asvero vai avançando vagarosamente para o meio do rio. (CUNHA, Euclides. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 56).

<sup>10</sup> Então os vizinhos mais próximos, que se adensam, curiosos, no alto das barrancas, intervêm ruidosamente, saudando com repetidas descargas de *rifles* aquele bota-fora. As balas chofram a superfície líqüida, eriçando; cravam-se na embarcação, lascando-a; atingem o tripulante espantoso; trespassam-no. Ele vacila um momento no seu pedestal flutuante, fustigado a tiros, indeciso, como a esmar um rumo, durante alguns minutos, até se reaviar no sentido geral da correnteza. E a figura desgraciosa, trágica, arrepiadoramente burlesca, com os seus gestos desmanchados, de demônio e truão, desafiando maldições e risadas, lá se vai na lúgubre viagem sem destino e sem-fim, a descer, a descer sempre, desequilibradamente, aos rodopios, tonteando em todas as voltas, à mercê das correntezas, “de bubuia” sobre as grandes águas. (CUNHA, Euclides. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 56).

<sup>11</sup> A malhação do Judas ocorre em memória de outro Judas traidor, agora o Iscariotes. Aquele que vendeu Cristo aos judeus por trinta moedas de prata. Assim, corresponde a uma tradição cristã, principalmente católica, que remete a uma frequente punição aquele que se condenou por trair Jesus Cristo.

<sup>12</sup> Depois, a pouco e pouco, debandam. Afastam-se; dispersam-se. E acompanhando a correnteza, que se retifica na última espira dos remansos — lá se vão, em filas, um a um, vagarosamente, processionalmente, rio abaixo descendo... (CUNHA, Euclides. *À Margem da História*. São Paulo. Martins Fontes, 1999, p. 58).

utilizaremos a discussão iniciada por Milton Hatoum no seu texto *Expatriados em sua própria pátria*. Um ponto de bastante valia, dentro do conjunto de escritos euclidianos amazônicos, é exposto desde o primeiro momento por Hatoum: “Dentre os textos publicados na primeira parte de *À Margem da História*, ‘Judas Ahsverus’ é o que mais se desvia de uma análise geográfica ou histórico social da Amazônia.” (HATOUM, 2002, p. 318).

No desenvolver de suas discussões, Hatoum (2002) apresenta pontos que o fizeram observar essa divergência ideológica entre a presente crônica em análise e os demais escritos euclidianos, desde os amazônicos até *Os Sertões* (1902): ausência de temáticas antiquadas, tais como racismo e o determinismo.

A divergência temática anunciada por Hatoum (2002) resta vislumbrada quando o enredo da crônica é centrada no homem amazônico, e não nos elementos naturais. Assim, ocorre em *Judas-Asvero*, segundo o mesmo crítico uma narrativa construída “com ênfase na vida dramática dos personagens, [assim] o relato tende a ser muito mais literário e menos explicativo ou assertivo, ainda que refratário a um gênero literário específico.” (HATOUM, 2002, p. 319). Esta afirmativa externada pelo crítico remete de forma consonante às explanações por nós realizadas quando apresentamos o enredo da crônica, a vida sofrida dos homens nos seringais e a religião como fuga do sofrimento.

Ponto bastante relevante para compreensão de quem vem a ser esse *Judas-Asvero* é realizada por Hatoum (2002, p. 321), que aproxima o Judas de Euclides da Cunha ao eterno errante, quando assim destaca:

É provável que esse e outros textos [escritos medievais, poema de Castro Alves, livro de Joaquim Nabuco, conto de Machado de Assis] tenham estimulado Euclides a escrever ‘Judas Ahsverus’, cuja sina de eterno errante tem um forte significado na vida atribulada e nômade do autor, sempre em busca de movimento, “aí por estes sertões desertos e vastos de nossa terra”, como sublinhou numa carta a um amigo.

Referente ao personagem do judeu errante, Ferreira (2000, p. 1) tece as seguintes considerações:

O que nunca fica omitido, no caso das versões que nos transmitem esta história, fragmentos de histórias ou cenas do judeu errante é o peso da punição, o viés maldito, danação por toda a eternidade. Deve-se porém levar em conta que a este herói se confere sempre a força da rebeldia e a virtude da esperança. Foi dito que Ashver (um dos nomes dados ao judeu errante) não é apenas um sapateiro da Via Dolorosa, que afastou Jesus de sua porta e que foi amaldiçoado pelo rabi, sendo condenado a perambular pelo mundo, dando a volta à terra. Ele é também o antípoda de Lúcifer, pois diferentemente dele vive sempre a esperança de modificar a situação em que se encontra.

A punição, como destacado por Ferreira (2000) corresponde a maior referência do judeu errante. No sertanejo amazônico analisamos essa sentença através do regime de

trabalho que, no início de suas crônicas, lá em *Impressões Gerais*, Euclides já demonstra o caráter de escravidão da atividade de extração do látex.

Entretanto, apesar de não descaracterizar essa visão acerca do judeu errante, observamos como mais pertinente, perante o enredo da crônica em análise, a adequação desse Judas ao Judas bíblico, devido ao modo pelo qual Euclides da Cunha faz toda uma referenciação ao Iscariotes, que inicia desde o tempo no qual fazem o boneco para extravasar a sua angústia: “No sábado de Aleluia (...) os seringueiros vingam-se, ruidosamente, dos seus dias tristes.” (CUNHA, 1999, p. 55).

Na relação Judas e Sábado de Aleluia, Mendes (2011, p. 14) faz a seguinte consideração:

A malhação do Judas é um ritual católico que se inscreve nas celebrações da Semana Santa, período que marca simbolicamente a imolação, sacrifício e ressurreição de Jesus de Nazaré para a crença cristã. Festa móvel intimamente relacionada ao Carnaval, de modo geral, a Páscoa é comemorada quarenta e nove dias depois do Domingo de carnaval. Segundo Manfred Lurker (2003, p. 522-523) a Páscoa cristã tem duas raízes, uma pagã e outra judaica. (...) . O Domingo de Ramos celebra, na cultura cristã, a entrada de Jesus em Jerusalém durante o tempo de Páscoa. O povo judeu o recebeu acenando com ramos verdes e folhagens, sendo esta a origem para a benção dos ramos no domingo que abre a Semana Santa. Assim, o Domingo de Ramos é uma data muito importante, pois inicia as celebrações Pascuais ocorrendo sete dias antes do Domingo de Páscoa. Outro dia importante neste ciclo é a Sexta-feira Santa, que acontece dois dias antes da comemoração da Páscoa.

A partir das considerações anunciadas por Mendes (2011) vemos a demonstração da malhação do Judas<sup>13</sup> como sendo uma festividade caracterizadora da fé cristã católica que rememora o período da Páscoa.

---

<sup>13</sup> A malhação do Judas configura-se enquanto rito liminar e ao mesmo tempo, punitivo, no qual o grupo assume a tarefa de castigar o boneco do Judas utilizando-se de várias interpretações para esta ação. Segundo o autor (GENNEP, 1978, p. 146): “*As crenças religiosas expressam a consciência que a sociedade tem de si mesma, a estrutura social é creditada com poderes punitivos que a mantém existente*”.

O grupo seguinte portava um boneco com a cabeça feita a partir de uma lata cilíndrica de óleo de cozinha, utilizando um boné e óculos escuros. O boneco (com vestimentas masculinas), também estava sobre um jumento e seu corpo havia sido preenchido com folhas secas.

Os acompanhantes de todos os bonecos de Judas caracterizavam-se com roupas velhas e sacos, usando máscaras de papel, trapos de tecido ou caixas de papelão sobre a cabeça. Todos os grupos observados eram compostos por adolescentes e crianças do sexo masculino. Eles disfarçavam as suas vozes quando abordavam as pessoas nas ruas. Todos estes elementos são enquadrados na definição de Erving Goffman (1999, p.26) sobre a crença no papel que o indivíduo está representando. Analisando o ritual da malhação do Judas dentro da estrutura dramática proposta por este autor, percebemos que tanto o uso da máscara quanto o recurso de alterar a própria voz são parte da personagem criada pelos grupos de malhadores do Judas para as suas representações dentro daquele “estado ritual temporário”: o Sábado de Aleluia.

Os participantes do grupo pediram “esmolinha” para malhar o Judas e por essa razão, traziam uma cabaça para coletar o dinheiro que seria utilizado na malhação<sup>12</sup>, que, ocorreria no mesmo horário divulgado pelo outro grupo. (MENDES, Andreia Regina Moura. **A Malhação do Judas: rito e identidade**. 2011, p. 18. Versão disponível eletronicamente em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mendes-andreia-a-malhacao-do-judas-rito-e-identidade.pdf>> Acesso em 10 de Setembro de 2014, às 20:37.)

A narrativa euclidiana anuncia os mais singelos momentos dessas festividades, que vai desde a confecção do boneco:

E principia, às voltas com a figura disforme: salienta-lhe e afeiçoa-lhe o nariz; reprofunda-lhe as órbitas; esbate-lhe a fronte; acentua-lhe os zigomas; e aguça-lhe o queixo, numa massagem cuidadosa e lenta; pinta-lhe as sobrancelhas, e abre-lhe com dois riscos demorados, pacientemente, os olhos, em geral tristes e cheios de um olhar misterioso; desenha-lhe a boca, sombreada de um bigode ralo, de guias decaídas aos cantos. Veste-lhe, depois, umas calças e uma camisa de algodão, ainda servíveis; calça-lhe umas botas velhas, cambadas... Recua meia-dúzia de passos. Contempla-a durante alguns minutos. Estuda-a. Em torno a filharada, silenciosa agora, queda-se expectante, assistindo ao desdobrar da concepção, que a maravilha. Volve ao seu homúnculo: retoca-lhe uma pálpebra; aviva um ricto expressivo na arqueadura do lábio; sombreia-lhe um pouco mais o rosto, cavando-o; ajeita-lhe melhor a cabeça; arqueia-lhe os braços; repuxa e reifica-lhe as vestes... (CUNHA, 1999, p. 55)

O fator da confecção do boneco e a realidade do sertanejo amazônico são realidades consonantes, frente a perspectiva da região, as suas adversidades naturais, agregadas ainda a dificuldade e o dano gerado ao homem devido a sua atividade escravizante. Euclides da Cunha, num certo momento da narrativa, chega a anunciar o anseio inicial, do sertanejo amazônico, por uma melhor condição de vida marcado, como ambição maldita:

O sertanejo esculpiu o maldito à sua imagem. Vingasse de si mesmo: punesse, afinal, da ambição maldita que o levou àquela terra; e desafrontasse da fraqueza moral que lhe parte os ímpetos da rebeldia recalcando-o cada vez mais ao plano inferior da vida decaída onde a credulidade infantil o jungiu, escravo, à gleba empantanada dos traficantes, que o iludiram. (CUNHA, 1999, p. 55).

Acerca desse mesmo fragmento euclidiano – da confecção do boneco –, Hatoum (2002, p. 331) faz o seguinte comentário:

A arte do seringueiro – um monstro diferente dos demais – espelha, na expressão do rosto de pano, a dor e o desespero de quem o esculpiu. É como se a escultura fosse um duplo monstruoso do homem desvalido; este, por sua vez, ao acentuar no rosto esculpido “as linhas mais vivas e cruéis”, cria também uma máscara, cuja expressão de tortura reflete a tragédia do homem: o artista e o seringueiro.

Hatoum (2002, p. 332) destaca a relevância do narrador quando assim aduz:

Na visão trágica do narrador, o seringueiro molda, à sua imagem, a escultura; curiosamente, são os traços, trejeitos e a expressão do Judas esculpido que refletem os do seringueiro. Através do monstrengo esculpido vemos o homem, seu duplo. Não por acaso Euclides uso o verbo ressuscitar para ambos: “o eterno condenado e sua divina vítima”. Ambos compartilham o destino comum de condenação e de errância, expondo “a imagem tanto possível perfeita da sua miséria e das agonias terríveis”.

A parcela do relato euclidiano, unido com as considerações de Hatoum (2002) explicitam o dilema vivido pelo sertanejo amazônico: a errância e a condenação.

A partir de da narrativa euclidiana, inicia-se a malhação do Judas que, diferentemente das tradições cristãs católicas, e predominantemente nordestina, onde o Judas é pendurado num poste, recheado de doces ou salgados, e estraçalhado aos golpes de madeira ou outro instrumento de igual porte, esse Judas amazônico é exposto numa jangada e lançado ao rio. Destarte, o martírio do Judas é realizado mediante tiros de rifles que, semelhante a competições de tiro ao alvo, buscam derrubá-lo e afundá-lo rio a dentro. Finalizada a “execução” os sertanejos seguem os seus destinos, retornando as suas atividades do cotidiano. Como vemos no seguinte fragmento:

Então os vizinhos mais próximos, que se adensam, curiosos, no alto das barrancas, intervêm ruidosamente, saudando com repetidas descargas de *rifles* aquele bota-fora. As balas chofram a superfície líquida, eriçando-a; cravam-se na embarcação, lascando-a; atingem o tripulante espantoso; trespassam-no. Ele vacila um momento no seu pedestal flutuante, fustigado a tiros, indeciso, como a esmar um rumo, durante alguns minutos, até se reaviar no sentido geral da correnteza. E a figura desgraciosa, trágica, arrepiadoramente burlesca, com os seus gestos desmanchados, de demônio e truão, desafiando maldições e risadas, lá se vai na lúgubre viagem sem destino e sem-fim, a descer, a descer sempre, desequilibradamente, aos rodopios, tonteando em todas as voltas, à mercê das correntezas, “de bubuia” sobre as grandes águas. (CUNHA, 1999, p.56)

(...)

Depois, a pouco e pouco, debandam. Afastam-se; dispersam-se. E acompanhando a correnteza, que se retifica na última espira dos remansos – lá se vão, em filas, um a um, vagarosamente, processionalmente, rio abaixo, descendo... (CUNHA, 1999, p. 58)

*Judas-Asvero*, como de início apresentado por Hatoum (2002), corresponde a um texto diverso da proposta inicial dos textos amazônicos. Outra consideração de bastante valia anunciada por Hatoum (2002) tem o seguinte destaque:

O alcance histórico e simbólico de ‘Judas Ahsverus’ é amplo, mas tem como foco o recorte de uma vida, pois parte de um caso particular, específico, que é o modo de ser material e espiritual de um grupo de

trabalhadores no rio Purus. É dessa visão particular que Euclides extrai, a meu ver, o melhor de sua lavra amazônica. (HATOUM, 2002, p. 324)

É esse caráter espiritual, amenizador das adversidades, que buscamos destacar no presente estudo analítico, a partir da narrativa euclidiana que expressa, de forma singular, o cotidiano daquele “homem que trabalha para escravizar-se” (CUNHA, 1999, p. 13).

Desse modo, a religião acompanha aquele retirante nordestino que se fixou no meio amazônico, pois “ao migrar para a Amazônia, o sertanejo trouxe consigo os costumes e a religião do sertão distante” (HATOUM, 2002, p. 326). Assim, fica claro na narrativa em análise como a religião cumpre um papel fundamental na vida do sertanejo amazônico, o de amenizar suas dores e de gerar nos mesmos uma perspectiva por dias de luta melhores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Resta demonstrado que Euclides da Cunha, ainda no século XIX, já denunciava o modo precário pelo qual o homem amazônico vivia perante aquele meio ambiente inóspito e sem qualquer amparo do aparelho estatal.

Assim, mediante as agonias e tristezas do cotidiano, a religiosidade do homem amazônico aparece como meio de sanar, minimizar, ocultar as dores eternamente sofridas. O homem vê na festividade de Sábado de Aleluia um jeito de extravasar todo aquele sentimento de dor, esquecimento e abandono, personificando no Judas o seu mal-estar.

A partir das discussões ora anunciadas, buscamos destacar o papel da religiosidade perante o homem amazônico. Destacamos que os apontamentos aqui demonstrados correspondem a uma pesquisa que encontra-se em andamento e, que devido a tal natureza, pode ocorrer modificações no seu percurso.

## REFERÊNCIAS

- 1] AMORY, Frederic. **Euclides da Cunha: uma Odisséia nos Trópicos**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.
- 2] ANTÔNIO FILHO, Fadel David. **Riqueza e miséria do ciclo da borracha na Amazônia brasileira: um olhar geográfico por intermédio de Euclides da Cunha**. In: GODOY, Paulo. R. T. de (Org.). História do pensamento geográfico e epistemologia em Geografia [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.
- 3] CUNHA, Euclides. **À Margem da História**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- 4] \_\_\_\_\_. **Obra Completa**. Vol. 01. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.

- 5] \_\_\_\_\_. **Obra Completa**. Vol. 02. Org. Paulo Roberto Pereira. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009.
- 6] FERREIRA, Jerusa Pires. **O Judeu Errante: a materialidade da lenda**. Revista Olhar, n. 03, 2000, p. 1-7. Versão disponível eletronicamente no link: <<http://www.olhar.ufscar.br/index.php/olhar/article/viewFile/21/20>>. Acesso em 08 de agosto de 2014, às 09:48.
- 7] FRANCESCHI, Antônio Fernando de. **Cadernos de Literatura Brasileira – Euclides da Cunha. Edição Comemorativa do Centenário de Os Sertões**. Números 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales, 2002.
- 8] HARDMAN, Francisco Foot. **Brutalidade antiga: sobre história e ruínas em Euclides**. Estudos Avançados, vol. 10, n. 26, 1996. Versão disponível eletronicamente no link: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v10n26/v10n26a25.pdf>>. Acesso em 04 de Janeiro de 2014, às 15:43.
- 9] \_\_\_\_\_. **Uma prosa perdida: Euclides e a literatura da selva infinita**. In: SCANTIMBURGO, João de (Dir.). Revista Brasileira. VII Fase. nº 59. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009.
- 10] \_\_\_\_\_. **A Vingança da Hiléia: Euclides da Cunha e a literatura moderna**. São Paulo: Editora da Unesp, 2009.
- 11] HATOUM, Milton. **Expatriados em sua própria pátria**. In: FRANCESCHI, Antônio Fernando de. **Cadernos de Literatura Brasileira – Euclides da Cunha. Edição Comemorativa do Centenário de Os Sertões**. Números 13 e 14. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Sales, 2002, p. 318-339.
- 12] JACKSON, Joe. **O Ladrão no Fim do Mundo: como um inglês roubou 70 mil sementes de seringueira e acabou com o monopólio do Brasil sobre a borracha**. Tradução de Saulo Adriano. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.
- 13] LIMA, Luiz Costa. **Terra Ignota: a construção de Os Sertões**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- 14] MADAN, Aarti S. **Mapmaking, Rubbertapping: Cartography and Social Ecology in Euclides da Cunha's The Amazon Land Without History**. In: SLOVIC, Scott. *Ecoambiguity, Community and Development Toward a Politicized Ecocriticism*. United States of America: Lexington Books, 2014, p. 161-177.
- 15] MAIA, João Marcelo Ehlert. **A Terra Como Invenção: o espaço no pensamento social brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.
- 16] MENDES, Andreia Regina Moura. **A Malhação do Judas: rito e identidade**. 2011. Versão disponível eletronicamente em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mendes-andreia-a-malhacao-do-judas-rito-e-identidade.pdf>>. Acesso em 10 de Setembro de 2014, às 20:37.
- 17] RIBEIRO, Fabrício Leonardo. **Cartas da selva: algumas impressões de Euclides da Cunha acerca da Amazônia**. História: questões e debates. n. 44, 2006, p. 147-62.

Versão disponível eletronicamente no link: <  
<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/article/view/7937/5582>>. Acesso em 04 de  
Janeiro de 2014, às 16:29.